

## **O Estado de S. Paulo**

**13/7/1986**

### **E Maciel vê ligação com promessas de violência**

O ministro-chefe da Casa Civil da Presidência, Marco Maciel, disse ontem, no Rio, que não se pode deixar de associar o conflito ocorrido na cidade de Leme com a proposta apresentada e aprovada no II Congresso da CUT paulista de luta pela resistência e conquista da terra. O ministro garantiu que o governo vai investigar o conflito. "Achei muito estranho o que aconteceu em São Paulo, e as informações que recebemos são preocupantes, porque dias antes, alguns segmentos tinham falado que iam adotar a violência como forma de obter vantagens. São fatos que devem ficar interligados, associados, devemos refletir sobre isso".

Marco Maciel ressaltou que, a princípio, não desejava condenar ninguém, mas que o conflito será apurado pelo governo sem nenhum preconceito, "porque a Justiça é feita para todos". Segundo ele, os responsáveis devem ser condenados, mesmo que sejam políticos, numa clara alusão aos deputados José Genoíno e Djalma Bom, do PT, e ao candidato a vice-governador do partido, Paulo Azevedo.

O ministro-chefe da Casa Civil da Presidência não acredita que o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, foi precipitado ao acusar a CUT e o PT pelo conflito, e garantiu que a investigação que o governo fará vai levar em consideração as últimas decisões do II Congresso da Central, em São Paulo. Essas decisões serão levadas ao II Congresso Nacional da CUT, que será realizado no final do mês, no Rio, e têm grandes chances de ser aprovadas.

### **Amaral Neto**

"Freguesia de Leme" foi a expressão usada pelo líder do PDS, deputado Amaral Neto, para definir os episódios ocorridos anteontem no Estado de São Paulo. O líder da oposição sustentou que "perto da 'Freguesia do Leme', os acontecimentos da Freguesia do Ó, quando Maluf era governador, não significam nada, pois reagir a vaias com pancadaria pode não estar certo, mas atirar para matar em jovens e crianças é infinitamente mais grave".

Amaral Neto desafiou o governador de São Paulo, Franco Montoro, o candidato de seu partido, Orestes Quércia, e o ministro da Justiça, Paulo Brossard — que considera o aparato policial de São Paulo um exemplo para o Brasil —, a "explicarem-se perante a sociedade e, sobretudo, perante os bóias-frias, os parentes das vítimas".

**(Página 22)**